

UMA RESENHA CRÍTICA DE “O VALOR DE TUDO: PRODUÇÃO E APROPRIAÇÃO NA ECONOMIA GLOBAL”

Camila Matias Gomes

Graduanda do curso de Ciências Econômicas – UFMG.

Flora Oliveira Olivier

Graduando do curso de Ciências Econômicas - UFMG

A obra “Valor de tudo: produção e apropriação na economia global” (2020) de Mariana Mazzucato, realiza uma reflexão crítica sobre as histórias e narrativas sedutoras de criação de valor, que permeiam o capitalismo até a contemporaneidade. Nesse sentido, a economista propõe uma análise alternativa sobre a extração de valor, suscitando debates acerca da formação de riqueza no capitalismo contemporâneo. Ou seja, indagando quem a cria e quem, posteriormente, a extrai. Por fim, Mazzucato defende que a partir de diálogos e reinterpretações do que de fato é o valor, a sociedade hodierna terá as ferramentas para produzir um “novo” capitalismo, voltado para inovação, inclusão e sustentabilidade.

A princípio, a economista reconhece que, para tecer a linha argumentativa de seu livro, é fundamental esclarecer uma questão importante: O que é valor? Em essência, a partir de postulados ortodoxos, estamos inclinados na atualidade a compreender a formação de valor como a produção de novos bens e serviços. Assim, a interação de diferentes recursos, sejam eles humanos, físicos ou intangíveis, é capaz de garantir a produção de valor. Em decorrência, elucidado o que é formação de valor, outra questão crucial é levantada: O que é a extração de valor? Mazzucato defende que as atividades voltadas à movimentação de recursos e produtos já existentes, e sua subsequente comercialização, dão origem a esse fenômeno.

Nesse contexto, o ponto de partida de Mazzucato é revisar os debates da economia política clássica acerca da temática do valor, tão presente em sua obra. A priori, nos primeiros capítulos, a economista aborda a perspectiva dos fisiocratas sobre a produtividade e, em seguida, expõe a visão de Adam Smith e Karl Marx sobre o que de fato é, ou não, produtivo. Os autores citados conduziram seus debates de acordo com os seus respectivos posicionamentos e crenças, que marcaram suas obras.

Nesse sentido, primeiramente é abordado o pensamento econômico do ilustre fisiocrata François Quesnay, que promovera debates acerca da importância agrária para a economia. O pensador defendia que as atividades produtivas eram aquelas vinculadas à atividade agrícola. Em contrapartida, segundo Quesnay, as práticas improdutivas eram todas aquelas que não estavam ligadas à agricultura. Ademais, é válido salientar que improdutivo não dizia respeito ao que não era útil, mas sim, às atividades que não produziam valor.

Em seguida, Mazzucato apresenta as reflexões do célebre Adam Smith, filósofo escocês que revolucionou a forma de enxergar a economia e que, indubitavelmente, ainda influencia diversos debates na atualidade. O pensador também apontou o que, em sua perspectiva, era produtivo e improdutivo. Tecendo suas teorias em meados do século XVIII, Smith destaca em suas obras a importância da divisão do trabalho no setor manufatureiro, constatando as profundas mudanças na produtividade, advindas da Revolução Industrial. Seguindo essa linha de raciocínio, o seguinte autor apresentado por Mazzucato, Karl Marx, também elenca o trabalho humano como fonte de produção de valor na sociedade. Contudo, é fundamental ressaltar que além dessa atribuição analítica desses estudiosos sobre o que era ou não produtivo, tais pensadores também delinearão a distinção entre valor intrínseco de um bem e o preço definido do produto via mercado.

Logo, dando continuidade a análise do valor de acordo com a evolução do pensamento econômico, Mazzucato aborda a mudança significativa do pensar econômico no século XIX: o surgimento dos neoclássicos e a Revolução Marginalista. Os pensadores neoclássicos foram responsáveis por uma reação crítica à economia política clássica e trouxeram consigo uma perspectiva individualista ao pensamento econômico. A partir de suas observações, os intelectuais da Escola Marginalista atribuíram a utilidade marginal o ponto de partida para definir o valor de uma mercadoria. Ou seja, o valor de um bem, na perspectiva desses economistas, é definido a partir da última unidade do artigo que o indivíduo consome, logo, a satisfação é vista como inerente ao consumo. Portanto, seguindo essa linha de raciocínio, o preço de mercado evidencia o valor de um bem.

Como desdobramento, Mazzucato aponta que essas mudanças teóricas alteraram profundamente o modo de se pensar a economia na contemporaneidade. Sob essa perspectiva, a autora apresenta elementos na contabilidade social que contribuem com sua tese. As noções neoclássicas de preço e valor norteiam o sistema de aferição de riqueza em uma economia nacional. Desse modo, na visão da autora, instrumentos contábeis, como a escolha do PIB per capita para indicar a prosperidade de uma nação, é um dos exemplos que ilustram a perspectiva ortodoxa dos neoclássicos sobre o que define a riqueza de uma nação. Como desdobramento, o sistema de contabilidade nacional possui uma série de defasagens teóricas, que não evidenciam de fato, o que contribui ou não para o enriquecimento de uma nação. Assim, seguindo essa linha de raciocínio, a principal consequência negativa do pensamento liberal no sistema de contabilidade nacional, na perspectiva de Mazzucato, seria a minimização dos esforços do Estado para a produção de riqueza em uma nação.

Destarte, em virtude da hegemonia da economia ortodoxa, ou seja, do modo de enxergar a economia de acordo com a perspectiva neoclássica, há, na atualidade, uma dificuldade em atribuir a devida importância das finanças para a produção de riqueza nacional. Sob tal ótica, Mazzucato argumenta que, em virtude do modelo analítico em vigência nos países, toda a atividade que é precificada em uma economia, é indicada como um fator contribuinte para a produtividade de uma nação. Assim, com base nesse modelo analítico, somos inclinados a inferir que as finanças são uma maneira de produzir mais riqueza.

Diante dessa afirmação, a economista estende suas críticas ao sistema financeiro. Nesse panorama, Mazzucato defende que o valor apropriado por esse sistema não é uma forma de produzir valor, mas sim, de extrair valor das economias nacionais. De acordo com a autoria, o

conceito de financeirização expõe esse viés de extrair valor, em detrimento de contribuir com a produção de riqueza em economias nacionais.

Ademais, Mazzucato finalmente aborda o capitalismo contemporâneo, determinado capitalismo de inovação. Com o fito de abordar as facetas da extração de valor no modus operandi atual do capitalismo, a autora explicita o que é um capitalismo inovador. Consoante às argumentações da economista, o modelo econômico contemporâneo propõe uma nova forma de enxergar a produção na sociedade, defendendo as bandeiras de sustentabilidade e criatividade.

Todavia, apesar dos princípios desse modelo capitalista, na contemporaneidade, ao invés de constatarmos produção de riqueza, nos deparamos com a extração de valor. Para sustentar seu ponto de vista, Mazzucato subdivide a extração de valor em quatro áreas distintas: na interação do setor financeiro com o processo de criação de tecnologia; no “empreendedorismo improdutivo”, no sistema de precificação dos produtos inovadores e, por fim, pelo surgimento das vantagens monopolísticas.

A princípio, no que tange a interação do sistema financeiro com o processo de criação de tecnologia, a economista argumenta que a recompensa desses investidores privados não são proporcionais aos riscos que eles assumem. Seguindo essa linha de raciocínio, o Estado assume de fato os riscos que envolvem o investimento em produtos inovadores, enquanto, em contrapartida, os investidores privados assumem riscos proporcionalmente menores e desfrutam dos notórios benefícios desses investimentos. Em seguida, a autora apresenta o sistema de patentes, com enfoque na indústria farmacêutica. Ela afirma que esse dispositivo de estímulo á produção de ideias inovadoras, ao invés de incentivar indivíduos a contribuir para a comunidade científica com suas invenções, cerceia e restringe o surgimento de ideias inéditas.

Como desdobramento, esta ferramenta permite que algumas empresas conquistem vantagens monopolísticas no mercado. Logo, esse fenômeno é extremamente prejudicial, principalmente para o setor farmacêutico responsável pelo desenvolvimento de medicamentos especializados. Tais fármacos, destinados ao tratamento de enfermidades crônicas, atingem preços muito elevados no mercado, o que prejudica a saúde da sociedade. Esse processo culmina no que Mazzucato denomina como empreendedorismo improdutivo.

Em suma, Mazzucato elucida a importância do Estado como agente principal e crucial no capitalismo de inovação. Assim, em um balanço geral, a obra da autora carece de algumas proposições específicas acerca de como reverter o processo de extração de valor no capitalismo contemporâneo, restringindo sua análise ao “o que” é a extração de valor, mas não “como” efetivamente, alterar esse panorama. Contudo, vale ressaltar que o livro de Mazzucato é exímio em resgatar os debates e reflexões sobre a temática do valor e da riqueza de uma nação, tão cruciais para a compreensão do capitalismo na atualidade.

Referências:

MAZZUCATO, Mariana. O Valor de Tudo: Produção e Apropriação na Economia Global. Portfólio-Penguin, 1ª Edição, 416pg, 2020.